

O ENDEMONINHADO GERASENO (LC 8,26-39) EM PERSPECTIVA NARRATIVA

THE GERASENE DEMONIAIC (LC 8,26-39) IN NARRATIVE PERSPECTIVE

*Adriane da Rosa*¹

Resumo: As narrativas bíblicas que relatam exorcismos exigem leituras minuciosas, uma vez que são consideradas de difícil compreensão. É necessário analisá-las a partir de dados sociológicos, históricos, literários e teológicos. Evitando, assim, interpretações fundamentalistas e que não consideram o real sentido do texto almejado pelo autor. Diante disso, o artigo apresenta uma análise das características estilístico-narrativas da perícopes do endemoninhado geraseno (Lc 8,26-39). A narrativa, emblemática quanto à polissemia dos símbolos bíblicos e à construção sócio-histórica do Novo Testamento, envolve exorcismos e possessão de humanos e animais. Inicialmente, a autoria do evangelho de Lucas e sua composição são evidenciados. Na sequência, são elucidadas as características estilísticas-literárias e a teologia do evangelista. Por fim, é apresentado o estudo do texto bíblico, traduzido do grego, abordando delimitação, contexto literário, enredo, personagens, enquadramento temporal, geográfico e social, temporalidade e a voz narrativa do texto e o leitor. Por meio da análise conduzida, é possível encontrar bases para desconstruir uma visão “mágica” desse exorcismo lucano, localizando o texto no plano literário e teológico de Lucas.

Palavras-chave: Evangelho de Lucas. Exorcismo. Endemoninhado. Geraseno. Análise narrativa.

Abstract: The biblical narratives of exorcisms require thorough readings, once are considered difficult to understand. It is necessary analyze them from sociological, historical, literary and theological data. Thus, avoiding fundamentalist interpretations and that do not consider the real meaning of the text sought by the author. That said, the objective of this study was to analyze the stylistic-narrative characteristics of the gerasene demoniac pericope (Lk. 8,26-39) and its incidence on the theology of the text. The narrative, emblematic of the polysemy of biblical symbols and to the socio-historical construction of the New Testament, involves exorcisms and possession of humans and animals. Initially, the authorship of the gospel of Luke and its composition are evidenced. In sequence, the stylistic-literary characteristics and the theology of the evangelist are elucidated. Lastly, study of the biblical text is presented, translated from greek, approaching delimitation, literary context, plot, characters, time frame, geographic and social, temporality and the narrative voice of the text and the reader. In this way, it is possible to find the basis for deconstructing a "magical" view of this Lucan exorcism by locating the text in Luke's literary and theological plan.

Keywords: Gospel of Luke. Exorcism. Demoniac. Gerasene. Narrative analysis.

Introdução

O texto de Lc 8,26-39 narra a história da cura de um homem geraseno endemoninhado, envolvendo a possessão de uma manada de porcos. Não obstante, a

¹ Graduada em Teologia pelo Centro Universitário Católica de SC. E-mail: adriane.rosat@gmail.com

interpretação popular desta perícopé gerou uma série de “fetiches hermenêuticos”, dependentes de uma visão mágica da fé – característica típica pós-moderna –, geralmente tomando-a como exemplo de casos de possessão.

Academicamente, este texto foi explorado a partir da geografia do Novo Testamento e da dominação romana sobre a Palestina. Porém permanecia pendente uma análise da perícopé que contemplasse seus aspectos estilísticos e narrativos, situando-a no projeto literário de Lucas. Ampliando assim a compreensão do texto a partir das ciências da linguagem, uma novidade na exegese bíblica moderna.

Diante disso, esse artigo visa analisar as características estilístico-narrativas da perícopé do endemoninhado geraseno (Lc 8,26-39) e sua incidência na teologia da perícopé, por meio da aplicação do método sincrônico de análise do texto, especificamente, a análise narrativa.

1. Autoria e composição do terceiro Evangelho

Iniciamos o estudo da perícopé a partir de uma breve introdução sobre o terceiro Evangelho. O autor do terceiro evangelho, apesar de ter se manifestado no prólogo de sua obra (1,1-4²), conserva o anonimato³. De acordo com uma tradição, que remonta a Marcião e ao Cânone de Muratori do século II, a autoria da obra é atribuída a Lucas. Essa tradição, apesar de não ser passível de comprovação, é defendida por Ireneu, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes, Eusébio e Jerônimo⁴.

Diante de inúmeras pesquisas que procuram definir a real identidade do evangelista, a teoria mais coerente e aceita na atualidade é a de que Lucas era um personagem de origem pagã, que se aproximou da sinagoga, a ponto de se tornar prosélito ou temente a Deus e, posteriormente, converteu-se ao cristianismo⁵. Essa hipótese é fundamentada nas peculiaridades linguísticas e no distanciamento de costumes e de hábitos judeu-palestinos que a obra lucana apresenta⁶.

Além disso, a partir da sua linguagem, pode-se concluir que Lucas pertencia a uma classe social alta e estudou tanto retórica grega como exegese judaica⁷. Com efeito,

² Será utilizado o texto bíblico da *Bíblia de Jerusalém*. As citações bíblicas que não contiverem abreviatura do livro são todas do evangelho de Lucas.

³ BOVON, 1985, p.203.

⁴ MCKENZIE, 1984, p.508.

⁵ MARGUERAT, 2009, p.123.

⁶ MARCONCINI, 2001, p.150.

⁷ BOVON, 1995, p.39.

a obra lucana é apresentada como um relato do que se passou a respeito da vida de Jesus, com base nas tradições provenientes das testemunhas oculares primitivas e dos ministros da palavra, como demonstra o prólogo:

1.Visto que muitos já empreenderam compor uma narração dos fatos que se cumpriram entre nós - 2.conforme no-los transmitiram os que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra - 3.a mim também pareceu conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever-te de modo ordenado, illustre Teófilo, 4.para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebeste (1,1-4).

A partir de uma análise do prólogo, percebe-se que, por meio da indicação das fontes no v.2, o trabalho de Lucas é ressaltado como de um historiador a distância dos fatos, sendo provável que pertença à terceira geração cristã. Ao expor seus princípios metodológicos e dedicar sua obra ao Teófilo, no v.3, Lucas organiza sua obra com precisão, ordenação dos acontecimentos e explicação da origem, respeitando a historiografia antiga. Ademais, a intenção do seu trabalho é anunciada no v.4: fortalecer a fé dos destinatários por meio de sua investigação.

Sabe-se, ainda, que esses diferentes pontos destacados no prólogo da obra de Lucas são utilizados, por exemplo, no prefácio de Guerra dos Judeus, uma obra escrita por Flávio Josefo, a única diferença é o fato de que o autor não dedica seu trabalho a ninguém, mas apresenta-se, ao contrário de Lucas. Sendo assim, se é certo que Lucas submete seu estilo ao da historiografia helênica em relação à pesquisa, por outro lado, o objetivo de sua obra o coloca em relação aos historiadores judeus que entendem a história como testemunha de Deus⁸.

A intenção de Lucas, no entanto, não é unicamente histórica é, sobretudo, teológica, missionária e apologética. Além disso, entende-se que a obra lucana não é o produto de uma comunidade, como os outros evangelhos, mas o resultado de um trabalho pessoal e de profunda investigação⁹. Sabe-se, ainda, que o evangelho lucano foi provavelmente escrito em algum lugar na parte oriental da bacia mediterrânea, entre 80 e 85 d.C., após a obra de Marcos ter sido escrita¹⁰. Seu primeiro destinatário, como relata

⁸ MARGUERAT, 2009, p.121-122.

⁹ BOVON, 1985, p.270-271.

¹⁰ MARGUERAT, 2009, p. 125.

o próprio texto bíblico, é o Teófilo¹¹ que, possivelmente, financiou a obra, como era de costume na época¹², ainda que seja um personagem historicamente discutido.

Sabe-se, ainda, que cerca de 35% da obra lucana foi retirada do evangelho de Marcos. Ao comparar os textos, fica evidente que Lucas assume grandes blocos de material marcano, seguindo sua ordem narrativa¹³. Outro material utilizado por Lucas foi a fonte de ditos de Jesus conhecida como Q, a qual constitui 20% da obra de Lucas¹⁴. Acerca dessa fonte, a maioria dos estudiosos acredita que o evangelista preservou, na maior parte, a ordem original do documento Q, fazendo adaptações e alterações conforme suas intenções teológicas. Por fim, entende-se que 45% do material lucano pertence a tradições e fontes peculiares a Lucas¹⁵.

2. Características estilísticos-literárias e a teologia de Lucas

O evangelista demonstra ser um escritor habilidoso na construção de sua obra, visto que soube traduzir o evangelho para a cultura da sua época manipulando com desenvoltura o grego clássico. Existem, porém, certas incoerências no padrão literário, uma vez que Lucas não cria um material dele, mas transmite com fidelidade uma tradição. Ademais, sua escrita tem o objetivo de despertar o interesse do leitor na conversão¹⁶.

Lucas transmite diversas datas e informações biográficas. Por meio disso, ele busca enquadrar sua obra no tempo e no espaço, garantindo a continuidade e a fidelidade de uma tradição. Além do mais, o terceiro evangelista evidencia que a fé professada por volta dos anos 80 d.C. não é diferente daquela que foi vivida nos anos 30 d.C.¹⁷.

Sabe-se, ainda, que a arte da composição e a diversidade linguística, apresentada na obra de Lucas, não provêm de uma variedade de fontes, mas de um escritor habilidoso. Seu domínio da língua comprova uma autêntica capacidade de criação tanto literária quanto teológica¹⁸.

Dessa forma, analisando o material exclusivo de Lucas, é extremamente difícil reconhecer qual material ele mesmo compôs livremente e o que tirou de tradições ou

¹¹ Significa literalmente: o amigo de Deus (MARGUERAT, 2009, p.122).

¹² BOVON, 1985, p. 204.

¹³ BROWN, 2012, p.372.

¹⁴ BROWN, 2012, p.375.

¹⁵ MARGUERAT, 2009, p.117.

¹⁶ MARCONCINI, 2001, p.155.

¹⁷ MARCONCINI, 2001, p.156.

¹⁸ BOVON, 1995, p.32.

fontes já elaboradas¹⁹. O autor possui realçada delicadeza em sua escrita e, também, finura literária. Lucas busca suavizar as passagens mais duras de Marcos e imerge seus textos na misericórdia, que constituirá uma das marcas do autor do terceiro Evangelho²⁰.

Além do mais, ele aprimora o grego de Marcos e melhora, assim, a gramática, a sintaxe e o vocabulário dos textos recebidos. O evangelista também evita os aramaismos, os latinismos e as passagens que diminuem a imagem dos discípulos ou aquelas que demonstram Jesus emotivo, ríspido ou fraco. Lucas, desse modo, traz precisão às suas informações e reorganiza o enredo²¹.

Ademais, ele utiliza um vocabulário mais diversificado (2.055 vocábulos diferentes), imita a Septuaginta no Evangelho da Infância, insere praticamente toda matéria retirada de Q nos capítulos 6-7; 10-18, acrescenta detalhes narrativos ou edificantes e evita repetições de histórias²².

Vale ressaltar, ainda, que Lucas compõe grandes sequências narrativas formadas por histórias curtas que possuem um mesmo fio temático, isto é, ele estrutura algumas perícopes como ganchos que orientam o leitor para o sentido que os textos buscam evidenciar. Além do mais, ele insere breves sumários que servem de transição e de pausa entre as perícopes e evita, também, as técnicas de persuasão da retórica para adotar o estilo dos livros históricos da Bíblia²³.

3. Análise narrativa do endemoninhado geraseno (Lc 8,26-39)

Para conduzir a análise da perícopa do endemoninhado geraseno, em Lc 8,26-39, elaborou-se uma tradução do grego, uma vez que as traduções populares da Bíblia objetivam facilitar a compreensão da mensagem e, por este motivo, não são adequadas para um trabalho exegético²⁴. A tradução, apresentada no quadro 1, foi elaborada de forma tão literal quanto possível, a partir dos critérios de correspondência formal²⁵.

¹⁹ BROWN, 2012, p.376.

²⁰ BOVON, 1985, p.203.

²¹ MARGUERAT, 115-116.

²² KONINGS, 2005, p. XIV.

²³ BOVON, 1995, p.30-31.

²⁴ SILVA, 2009, p.64.

²⁵ GABEL; WHEELER, 2003, p.218-219.

Quadro 1: Tradução da perícopa do endemoninhado geraseno (Lc 8,26-39).

v. 26 E navegaram em direção ao país dos Gerasenos, que está oposto à Galileia.
v. 27 E ele, tendo saído para a terra, veio ao encontro [dele] um certo homem da cidade tendo demônios e há tempo considerável não vestia roupa e não habitava em uma casa, mas nos túmulos.
v. 28 E vendo Jesus, gritando, prostrou-se diante dele e, com grande voz, disse: “O que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Imploro a ti, não atormentes a mim”.
v. 29 De fato, ordenava ao espírito imundo sair daquele homem. Por muito tempo, havia se apoderado dele e era amarrado com correntes e grilhões, sendo guardado, e rompendo as cadeias, era impelido pelo demônio para os desertos.
v. 30 E Jesus perguntou a ele: “Qual é o teu nome?” Ele disse: “Legião”, porque entraram muitos demônios nele.
v. 31 E suplicavam a ele para que não ordenasse a eles partir no abismo.
v. 32 E havia ali uma manada de muitos porcos pastando no monte; e pediram a ele que permitisse a eles entrar naqueles [porcos]; e permitiu a eles.
v. 33 E tendo saído os demônios do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se pelo despenhadeiro no lago e afogou-se.
v. 34 E os que cuidavam [dos porcos], vendo o que aconteceu, fugiram e anunciaram na cidade e nos campos.
v. 35 E saíram para ver o que aconteceu e foram até Jesus e encontraram sentado o homem de quem os demônios saíram, vestido e estando em perfeito juízo junto aos pés de Jesus e temeram.
v. 36 E os que tinham visto anunciaram a eles como foi salvo o endemoninhado.
v. 37 E toda a multidão da vizinhança dos gerasenos pediu a ele para partir deles, porque estavam possuídos de grande temor; e ele, entrando em um barco, regressou.
v. 38 E o homem de quem tinham saído os demônios pedia-lhe para estar com ele. Mas despediu-o, dizendo:
v. 39 “Volta para a tua casa e relata as coisas que Deus fez para ti. E saiu por toda a cidade proclamando as coisas que Jesus fez para ele.

Fonte: Elaborado pela autora com o auxílio do orientador e biblista Dr. Fabrizio Zandonadi Catenassi.

Vale ressaltar, ainda, que as etapas seguintes da análise conduzida tiveram como base o texto traduzido apresentado no quadro 1.

3.1 Delimitação

Ao iniciar uma análise, é de suma importância definir a clausura da narrativa, isto é, delimitar onde o texto começa e onde termina, tendo em mente que tanto o título quanto a divisão das bíblias são propostas pelos editores e, por esse motivo, não constam no

original grego²⁶. Além disso, a definição da clausura já é um gesto interpretativo, pois busca-se delimitar, por meio do tempo, lugar, personagens ou temas, uma unidade produtora de sentido que conduz a leitura²⁷.

Nesse sentido, a mudança de lugar relatada no v. 26, além de dar continuidade entre as narrativas, também marca o início de uma nova unidade que se passa em terra estrangeira, a região dos gerasenos. Ao Jesus desembarcar, no v. 27, dá-se início a um novo relato, do qual os discípulos não participam. Eles somente são mencionados, de forma sutil, no início da perícopes, o que configura uma mudança de personagens.

A ação dramática principal da perícopes é o diálogo entre o espírito impuro e Jesus, apresentado nos vv. 28-32. Esse drama é desenvolvido ao longo de toda narrativa. Porém, somente no v. 33, com a permissão de Jesus para que os demônios deixem o homem e entrem na manada de porcos, que se atirou desfiladeiro abaixo no lago, é que o drama é solucionado.

Na sequência, o evangelista narra um novo drama que evidencia a reação dos espectadores, que, até então, não haviam sido citados durante o exorcismo. Essa nova cena é relatada do v. 34 ao 37 e termina com os moradores da região vendo o homem que era endemoninhado vestido e em são juízo. Diante disso, eles pedem para que Jesus vá embora, pois ficaram cheios de grande temor devido ao acontecido.

Por fim, no último versículo, o 38, retoma-se o cenário inicial, no qual está somente Jesus e o homem que era endemoninhado. O homem faz uma súplica a Jesus para permanecer com ele, porém é despedido por seu salvador com uma missão: “Volta para tua casa e relata o que Deus fez por ti” e assim o ex-endemoninhado fez. A perícopes termina com o nascimento de um novo discípulo que, com fé, testemunha a sua salvação.

3.2 Contexto literário

Identificar o contexto literário é de suma importância para destacar o efeito que se busca causar no leitor por meio de um fio temático. Entende-se que uma perícopes é uma etapa particular de um cenário narrativo²⁸. Nessa perspectiva, a expressão “navegaram”, no v. 26, dá continuidade a uma narrativa que começa no v. 22, o episódio da tempestade acalmada. Agora que o mar e o vento estão dominados por Jesus, a expedição ao outro

²⁶ SILVA, 2009, p.68.

²⁷ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.43.

²⁸ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.47.

lado da Galileia pode continuar tranquilamente. Percebe-se ainda que a expedição é curta, pois no v. 40 a multidão aguardava o retorno de Jesus: “Ao voltar, Jesus foi acolhido pela multidão, pois todos o esperavam”. Lucas conserva de Marcos a sequência dessas narrativas que estão unidas pela viagem de barco²⁹.

A pergunta de Jesus acerca da fé dos discípulos, no v. 25: “Onde está a vossa fé?” é convertida na pergunta dos discípulos sobre a identidade de Jesus: “Quem é este, que manda até nos ventos e nas ondas, e eles obedecem?”. Ademais, as narrativas da tempestade acalmada (8,22-25), a cura do endemoninhado Geraseno (8,26-39), o regresso à Galileia (8,40), a cura da mulher hemorroíssa (8,43-48) e a ressurreição da filha de Jairo (8, 41.42.49-56) acontecem ao longo de apenas um dia³⁰.

O episódio da tempestade acalmada dá início a uma nova seção lucana que objetiva manifestar o poder de Jesus por meio da sua atividade na Galileia³¹. Sendo assim, entende-se que o bloco narrativo no qual a passagem bíblica estudada está inserida vai do capítulo 8,22 até o capítulo 9,6. Nessas narrativas, encontra-se uma “série de eventos de revelação que mostram o poder de Jesus”³².

Desse modo, fica evidente que elas são ligadas pelo mesmo fio temático: a manifestação progressiva do poder de Jesus. O evangelista procura revelar a identidade salvadora de Jesus, ele que é “Filho, Senhor, Salvador, Mestre e médico”³³. Essa sequência narrativa evidencia, também, a dependência que Lucas possui do Evangelho de Marcos como uma de suas fontes.

Além disso, esses relatos desvelam a força e a autoridade de Jesus sobre a natureza, espíritos demoníacos, a doença e, também, sobre a própria morte³⁴. O desfecho dessa sequência lucana acontece com o envio que os discípulos recebem de Jesus: “Convocando os Doze, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, bem como para curar doenças, e enviou-os a proclamar o Reino de Deus e a curar.” (9,1-2).

No entanto, a pergunta acerca da identidade de Jesus, feita pelos discípulos no início do bloco narrativo, apesar de já ter sido respondida indiretamente através dos relatos, permanece sem uma resposta concreta por parte dos próprios discípulos. Por este motivo, Jesus indaga os discípulos sobre a sua identidade (Lc 9,20): “E vós, quem dizeis

²⁹ BOVON, 1995, p.604.

³⁰ LANGNER, 2008, p.136.

³¹ FITZMYER, 1987, p.11.

³² BOCK, 1994, p. 754.

³³ BOVON, 1995, p. 42.

³⁴ BOCK, 1994, P.754.

que eu sou?”. Pedro, então, como representante dos doze, afirma categoricamente: “O Cristo de Deus”. Sendo assim, entende-se que, mediante tantos perigos e dificuldades que os discípulos encontrarão durante sua missão, somente com uma fé firme em Jesus, o Salvador, eles serão capazes de dar testemunho, visto que a dúvida e a hesitação tornam o anúncio inútil³⁵.

Diante dessa explanação, é evidente que a narrativa do endemoninhado geraseno é uma etapa particular de um grande cenário narrativo apresentado por Lucas. Dessa forma, “o mal que antes pairava sobre os discípulos, em forma de cataclismo da natureza, agora passa a ser reproduzido como algo que afeta a condição psíquica de um homem”³⁶.

3.3 Enredo

Entende-se por enredo uma estrutura responsável por assegurar a unidade de ação e que busca dar sentido aos diversos elementos da narrativa³⁷. Com o objetivo de evidenciar o enredo de Lc 8,26-39, utilizou-se o esquema quinário³⁸ na composição do quadro 2.

³⁵ GRASSO, 1986, p.251.

³⁶ FITZMYER, 1987, p. 22.

³⁷ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.56.

³⁸ “Modelo estrutural que decompõe o enredo da narrativa em cinco momentos sucessivos: 1. Situação inicial (ou Exposição): Circunstâncias da ação (moldura, personagens); se for o caso, é mencionada uma falta (enfermidade, dificuldade, ignorância), e a narrativa vai mostrar a tentativa de sua eliminação. 2. Nó: Elemento desencadeador da narrativa, que introduz a tensão narrativa (desequilíbrio no estado inicial ou complicação na busca). 3. Ação transformadora: Resultado da busca, alterando a situação inicial: a ação transformadora situa-se no nível pragmático (ação) ou cognitivo (avaliação). 4. Desenlace (ou Resolução): Liquidação da tensão pela aplicação da Ação transformadora ao sujeito. 5. Situação final: Enunciado do novo estado adquirido pelo sujeito depois da transformação. Estruturalmente, esse momento corresponde à alteração da situação inicial pela eliminação de uma falta” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.59).

Quadro 2: Esquema quinário de Lc 8,26-39.

1. Situação inicial	v. 26 E navegaram em direção ao país dos Gerasenos, que está oposto à Galileia. v. 27 E ele, tendo saído para a terra, veio ao encontro [dele] um certo homem da cidade tendo demônios e há tempo considerável não vestia roupa e não habitava em uma casa, mas nos túmulos. v.28 E vendo Jesus, gritando, prostrou-se diante dele e, com grande voz, disse: “O que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Imploro a ti, não atormentes a mim”.
2. Nó	v. 29 De fato, ordenava ao espírito imundo sair daquele homem. Por muito tempo, havia se apoderado dele e era amarrado com correntes e grilhões, sendo guardado, e rompendo as cadeias, era impelido pelo demônio para os desertos.
3. Ação transformadora	v. 30 E Jesus perguntou a ele: “Qual é o teu nome?” Ele disse: “Legião”, porque entraram muitos demônios nele. v. 31 E suplicavam a ele para que não ordenasse a eles partir no abismo. v. 32 E havia ali uma manada de muitos porcos pastando no monte; e pediram a ele que permitisse a eles entrar naqueles [porcos]; e permitiu a eles. v. 33 E tendo saído os demônios do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se pelo despenhadeiro no lago e afogou-se.
4. Desenlace	v. 34 E os que cuidavam [dos porcos], vendo o que aconteceu, fugiram e anunciaram na cidade e nos campos. v.35 E saíram para ver o que aconteceu e foram até Jesus e encontraram sentado o homem de quem os demônios saíram, vestido e estando em perfeito juízo junto aos pés de Jesus e temeram. v.36 E os que tinham visto anunciaram a eles como foi salvo o endemoninhado.
5. Situação final	v. 37 E toda a multidão da vizinhança dos gerasenos pediu a ele para partir deles, porque estavam possuídos de grande temor; e ele, entrando em um barco, regressou. v.38 E o homem de quem tinham saído os demônios pedia-lhe para estar com ele. Mas despediu-o, dizendo: v.39 “Volta para a tua casa e relata as coisas que Deus fez para ti. E saiu por toda a cidade proclamando as coisas que Jesus fez para ele.

Fonte: Elaborado pela autora.

Jesus chega na região dos gerasenos e com isso tem-se a situação inicial. É apresentada a condição em que vivia o homem possuído, isto é, o conflito do relato: o problema a ser resolvido é o do homem que vaga como um morto-vivo, vivendo de maneira indigna e impura nos túmulos, que vai ao encontro de Jesus, gritando para ser deixado em paz (vv. 26-28).

Na sequência, é apresentada uma dramatização (v. 29), na qual o narrador retoma a voz do diálogo para, em uma prolepse³⁹, indicar que a expulsão do demônio já tinha se iniciado. Além disso, ele desenha uma situação ainda mais dramática ao informar que o homem era descontrolado e que ninguém conseguia fazê-lo comportar-se como humano.

A ação transformadora dessa situação (vv. 30-33) inicia-se no diálogo entre Jesus e o demônio, que imediatamente reconhece o poder superior de Jesus, chamando-o de

³⁹ “manobra narrativa que consiste em antecipar ou contar de antemão um acontecimento ulterior do ponto de vista da história contada” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009).

filho do Altíssimo, mas implorando para não ser expulso da região. Na sequência, sob permissão de Jesus, os demônios deixam o homem e entram na manada de porcos que se precipitou pelo despenhadeiro no lago e afogou-se.

O desenlace da narrativa (vv. 34-36) comporta a reação dos cuidadores dos porcos que, ao fugir, anunciam o acontecido. Logo após, todos saem para ver o que havia passado e encontram o homem aos pés de Jesus que, no momento, está “sentado, tranquilo, onde antes se agitava, está vestido e não desnudo, está em são juízo, depois de sua aberração”⁴⁰.

A situação final (vv. 37-39) relata que a multidão tomada de grande temor pede para que Jesus vá embora enquanto que o homem curado pede para permanecer com Jesus. Porém “ele não é chamado para segui-lo como os discípulos, mas para testemunhá-lo diariamente em seu ambiente”⁴¹.

Tem-se, na perícopes do endemoninhado geraseno, um clássico exemplo de enredo de resolução, cuja ação transformadora opera no nível pragmático, ou seja, no exorcismo do homem. Enquanto que o enredo unificante⁴² do bloco literário pode ser considerado de revelação, visto que, ao longo das narrativas, ganha-se conhecimento acerca de Jesus.

3.4 Personagens

Os personagens da perícopes tornam visível o enredo e, por isso, é necessário analisá-los. A principal função dos personagens é a condução da ação narrativa⁴³. Em cada narrativa encontra-se uma hierarquia de personagens, que podem ser individuais ou coletivos, formada por protagonistas, cordão e figurantes.

Na perícopes do endemoninhado geraseno, os personagens redondos, descritos com vários traços, ou seja, os protagonistas, são Jesus, o herói que vem como salvador, e o homem possesso, o doente que sai à procura de ajuda. Por outro lado, temos a manada de porcos que são considerados figurantes na narrativa, pois não desempenham nenhum papel relativamente importante.

Os cuidadores dos porcos e a multidão da vizinhança dos gerasenos são os personagens-cordão da narrativa, visto que, apesar de não serem protagonistas, possuem um papel único a ser desenvolvido. Tanto o personagem-cordão quanto o figurante podem

⁴⁰ BOVON, 1995, p. 618.

⁴¹ GRASSO, 1986, p. 256.

⁴² “Enredo de uma sequência narrativa ou da narrativa portadora (macronarrativa) que sobrepuja e engloba os enredos dos episódios nele contidos” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.73).

⁴³ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.76 apud ARISTÓTELES, 1997.

ser identificados a partir do seu relato na história, afinal, são descritos com um único traço, ou seja, são personagens planos⁴⁴.

Para um melhor entendimento da função de cada personagem dentro da perícopes em estudo, elaborou-se um esquema actancial⁴⁵. Sendo que, por actante entende-se “o titular de uma função necessária para a realização da transformação que está no centro da narrativa”⁴⁶. Sendo assim, entende-se que, para definir os actantes de uma narrativa, é necessário analisar os elementos que estão diretamente ligados a transformação proposta pelo narrador.

Quadro 3: Esquema actancial do endemoninhado geraseno Lc 8,26-39.

Esquema actancial	Lc 8,26-38
Sujeito	O homem endemoninhado
Objeto	A libertação
Oponente	O demônio
Destinatário	Deus
Adjuvante	Jesus
Destinador	O que restava da humanidade do homem

Fonte: Elaborado pela autora.

Na narrativa em estudo, o sujeito, aquele que corre atrás de um objeto valorizado, é o homem endemoninhado, visto que, ao Jesus chegar na região dos gerasenos, ele vai ao seu encontro (v. 27), enquanto que o destinador, aquilo que mobiliza o sujeito à busca do objeto, é o que restava da sua humanidade.

Ademais, o objeto que o homem deseja é a libertação do mal que o oprime e o seu oponente é o demônio, que pede para que Jesus não o atormente (v. 28). O adjuvante, o sujeito que ajuda na realização da sua busca, é Jesus. Por fim, o destinatário é Deus, aquele que tem o poder para realizar a transformação necessária na vida do homem⁴⁷.

⁴⁴ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.77-78.

⁴⁵ GREIMAS, 1966, p.156.

⁴⁶ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.81.

⁴⁷ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.81.

3.5 Enquadramento temporal, geográfico e social

Toda ação dos personagens acontece dentro de um enquadramento composto por tempo, lugar e meio social e tais elementos precisam ser identificados dentro de uma análise narrativa, visto que o enquadramento pode contemplar um valor metafórico que contribui à compreensão simbólica da narrativa⁴⁸. Por este motivo, são destacados a seguir os principais elementos que indicam o enquadramento temporal, geográfico e social na perícope do endemoninhado geraseno (Lc 8,26-39).

3.5.1 Enquadramento temporal

No início do grande bloco narrativo “certo dia” (v. 22) é ressaltado o enquadramento temporal. Há indícios que a travessia do lago aconteceu durante a noite: “Enquanto navegavam, ele [Jesus] adormeceu” (v. 23). Após a tempestade acalmada, no início da passagem do endemoninhado geraseno, o evangelista narra que “navegaram em direção ao país dos Gerasenos, que está oposto à Galileia” (v. 26).

A partir desse versículo, entende-se que se passou um certo tempo entre a tempestade acalmada e a chegada na região dos gerasenos. Supõe-se, então, que já era de manhã e a narrativa aconteceu em um curto espaço de tempo, afinal, “ao voltar, Jesus foi acolhido pela multidão, pois todos o esperavam” (v. 40). O narrador, contudo, não reserva peso para esse momento. A passagem de toda a noite está subentendida em dois versículos, enquanto que o encontro com o endemoninhado ocupa toda uma unidade narrativa.

3.5.2 Enquadramento geográfico

No v. 26 com a afirmação que a região dos gerasenos fica “oposto à Galileia” tem-se o enquadramento geográfico. Entende-se, portanto, que a narrativa inicia-se em meio ao lago e desenvolve-se em terra estrangeira: “o cenário não é o país natal ou uma cidade protegida, mas o oposto, do outro lado das águas ameaçadoras, em terra estranha e perigosa”⁴⁹. Destaca-se que o evangelista imagina o espaço geopolítico da narrativa como

⁴⁸ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.99.

⁴⁹ BOVON, 1995, p. 610.

uma cidade cercada por um ambiente camponês⁵⁰, afinal, os cuidadores dos porcos foram anunciar o que havia acontecido na cidade e nos campos (v. 34).

3.5.3 *Enquadramento social*

O enquadramento social é identificado levando em consideração que “o narrador recompõe o mundo da história contada, pelo menos parcialmente, à imagem de seu próprio mundo”⁵¹. Sendo assim, entende-se que é preciso compreender o contexto social e histórico da narrativa e do autor. Partindo deste pressuposto, foram analisados os principais termos utilizados pelo evangelista Lucas durante o relato, dando ênfase para o entendimento deles no ambiente em que o evangelho foi escrito.

No início da narrativa (v. 26), Lucas evidencia que Jesus está em terra estrangeira, um aviso ao leitor que, conhecendo a tradição, sabe da simbologia desta travessia para os judeus. Um dos perigos dessa expedição reside na navegação, uma vez que desde a antiguidade, em vários gêneros literários, são relatados diversos perigos existentes no mar, sendo que um dos principais motivos para os judeus temerem o mar é porque o enxergavam como o elemento primordial do caos, do qual eles não tinham controle⁵².

O encontro do endemoninhado com Jesus (v. 27) acontece fora do espaço protegido da cidade e apresenta outra ameaça da expedição⁵³. Ainda no v. 26, é apresentado o local da narrativa, o país dos Gerasenos. Diversas características do relato (v. 27 e v. 29), nas quais são apresentadas a forma com que o endemoninhado vive, reforçam a ideia de que a região fica em um território pagão, um local inapropriado para um judeu estar⁵⁴.

Na sequência do relato, o demônio reconhece Jesus como Filho do Deus Altíssimo (v. 28). Esse título era utilizado para chamar Deus, de acordo com a Setenta, por aqueles que não eram judeus⁵⁵. No desenrolar da narrativa, Jesus pergunta ao demônio (v. 30), qual é o seu nome e a resposta obtida foi “Legião”. Ao responder o demônio indica um número, visto que a legião romana, naquela época, era composta de seis mil infantarias e cento e vinte cavaleiros.

⁵⁰ BOVON, 1995, p.617.

⁵¹ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.103.

⁵² BOVON, 1995, p.596-597.

⁵³ BOVON, 1995, p.611.

⁵⁴ BOCK, 1994, p.766.

⁵⁵ BOVON, 1995, p.612.

Além do simbolismo desta palavra que evidencia a força do demônio, certamente os primeiros destinatários do evangelho teriam em mente a principal e décima legião romana que se instalou na Palestina, Fretensis que participou da conquista de Jerusalém no ano de 70 d.C. e tinha a imagem do porco em seus emblemas. Por causa disso, os romanos passaram a ser associados com os porcos⁵⁶.

No versículo seguinte, o 31, é narrado que os demônios não querem ir para o abismo. Essa palavra, segundo a apocalíptica, é o local no qual os inimigos de Deus são jogados, começando pelo diabo (Ap 20, 1.3). Sabe-se, ainda, que os judeus associavam este lugar com o mar⁵⁷.

Na sequência, v. 32, os demônios pedem permissão a Jesus para ir à manada de porcos, considerados impuros na cultura judaica. Ademais, na cultura helênica, os porcos eram de extrema importância para os sacrifícios pagãos⁵⁸. No v. 35, o homem está sentado aos pés de Jesus, não foi somente libertado, mas está na posição de um discípulo. Ele recupera plenamente sua humanidade, está vestido e consciente. Estar vestido, em uma sociedade organizada, significa um estado de normalidade⁵⁹.

3.6 Temporalidade

Elaborou-se um quadro para destacar o ritmo da narração, isto é, a temporalidade. Desse modo, fica evidente quais são os momentos em que o evangelista Lucas procurou dar mais atenção, ou seja, quais elementos da narrativa são mais importantes dentro da concepção teológica de Lucas.

Nessa perspectiva, a pausa descritiva serve para desacelerar a narração e corresponde a uma duração nula no plano da história contada. O sumário acelera a narração contando brevemente um acontecimento longo da história contada. A cena corresponde ao ritmo normal, isto é, a composição narrativa e a história contada avançam em tempo igual⁶⁰.

Além disso, foi considerada a ordem dos relatos da composição narrativa em relação à história contada, evidenciando a analepse, que volta no tempo relatando um fato

⁵⁶ CRIMELLA, 2015, p.166.

⁵⁷ BOVON, 1995, p.615.

⁵⁸ LANGNER, 2008, p.136.

⁵⁹ BOVON, 1995, p.618.

⁶⁰ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.108.

já acontecido, e a prolepse, que antecipa um acontecimento. Por fim, destacou-se uma repetição, é contado novamente algo que aconteceu uma única vez⁶¹.

Quadro 4: A temporalidade do endemoninhado geraseno Lc 8,26-39.

Descrição	Composição narrativa	História contada
Sumário	v. 26 E navegaram em direção ao país dos Gerasenos,	Jesus e os discípulos navegam em direção a região dos gerasenos.
Pausa descritiva	que está oposto à Galileia.	
Pausa descritiva	v.28 E vendo Jesus, gritando, prostrou-se diante dele e, com grande voz, disse:	
Cena	“O que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Imploro a ti, não atormentes a mim”.	Acontece um diálogo entre Jesus e o endemoninhado, seguido de um exorcismo.
Pausa descritiva e Prolepse	v. 29 De fato, ordenava ao espírito imundo sair daquele homem.	
Pausa descritiva e Analepse	Por muito tempo, havia se apoderado dele e era amarrado com correntes e grilhões, sendo guardado, e rompendo as cadeias, era impelido pelo demônio para os desertos.	
Cena	v. 30 E Jesus perguntou a ele: “Qual é o teu nome?” Ele disse: “Legião”,	
Pausa descritiva	porque entraram muitos demônios nele.	
Cena	v. 31 E suplicavam a ele para que não ordenasse a eles partir no abismo.	
Pausa descritiva	v. 32 E havia ali uma manada de muitos porcos pastando no monte;	
Cena	e pediram a ele que permitisse a eles entrar naqueles [porcos]; e permitiu a eles. v. 33 E tendo saído os demônios do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se pelo despenhadeiro no lago e afogou-se. v. 34 E os que cuidavam [dos porcos], vendo o que aconteceu, fugiram e anunciaram na cidade e nos campos. v.35 E saíram para ver o que aconteceu e foram até Jesus	Sob permissão de Jesus os demônios vão para a manada de porcos que se afogam. Os cuidadores dos porcos fogem para a cidade, contando o que havia acontecido. A população sai para ver o acontecido e pede para que Jesus se retire. Jesus retorna.
Pausa descritiva	e encontraram sentado o homem de quem os demônios saíram, vestido e estando em perfeito juízo junto aos pés de Jesus e temeram.	
Pausa descritiva e Repetição	v.36 E os que tinham visto anunciaram a eles como foi salvo o endemoninhado.	
Cena	v. 37 E toda a multidão da vizinhança dos gerasenos pediu a ele para partir deles,	
Pausa	porque estavam possuídos de grande temor;	

⁶¹ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.119-120.

descritiva		
Cena	e ele, entrando em um barco, regressou.	
Cena e Analepse	v.38 E o homem de quem tinham saído os demônios pediu-lhe para estar com ele. Mas despediu-o, dizendo: v.39 “Volta para a tua casa e relata as coisas que Deus fez para ti. E saiu por toda a cidade proclamando as coisas que Jesus fez para ele	O homem libertado torna-se evangelizador.

Fonte: Elaborado pela autora.

A perícopes do endemoninhado geraseno inicia com um sumário (v. 26), no qual, com apenas algumas palavras, o autor descreve a viagem e finaliza o versículo com uma pausa descritiva para melhor localizar o leitor.

Na sequência, é apresentada uma cena (v. 27) que relata o encontro de Jesus com o endemoninhado, assim como a situação em que o homem se encontrava. No v. 28, inicia-se o diálogo de Jesus com o demônio, porém, antes, é feita uma pausa descritiva para ambientar a cena.

Em seguida (v. 29), tem-se uma pausa descritiva. Em um primeiro momento é feita uma prolepse, ou seja, é descrito algo que ainda não aconteceu e depois uma analepse, isto é, um retorno na história para apresentar mais algumas características da vida do homem endemoninhado.

Dando sequência (v. 30), retorna a cena da pergunta de Jesus acompanhada de uma pausa explicativa da resposta do demônio. No v. 31, tem-se novamente a cena com a súplica da Legião seguida de uma pausa descritiva (v. 32), ela prepara o ambiente para a continuação das cenas que narram: o exorcismo, a morte da manada dos porcos, a reação dos cuidadores e a chegada dos moradores da região para ver o acontecido (vv. 32-35).

Ainda no v. 35 é acrescentada uma pausa que descreve como os gerasenos encontram o homem que era endemoninhado. Logo após, é feita uma pausa descritiva (v. 36) que apresenta uma repetição. Os cuidadores dos porcos novamente contam como o endemoninhado foi salvo para os moradores da região.

Retorna a cena (v. 37) na qual os moradores pedem para que Jesus vá embora. Seguida de uma pausa explicativa do motivo: eles estavam com medo. Volta a cena, Jesus entra no barco e regressa. Outra cena é apresentada em analepse (vv. 38-39), isto é, é contado o que aconteceu antes de Jesus ir embora, o homem pede para ficar com Jesus, porém é enviado a dar testemunho do que Deus fez por ele.

3.7 A voz narrativa do texto e o leitor

Uma forma de auxiliar o leitor na compreensão da narrativa é por meio da voz do narrador. Esta voz pode aparecer tanto em comentários explícitos quanto em implícitos⁶². Na perícopos estudada, a voz do narrador aparece diversas vezes, seja para contextualizar os diálogos ou para esclarecer uma cena.

As principais ocorrências são verificadas nos seguintes momentos: no v. 26, o narrador explica onde fica a região dos gerasenos; no v. 27, apresenta como estava o homem endemoninhado; no v. 28, o narrador coloca na boca do demônio um título já atribuído a Jesus nas histórias da infância⁶³.

Novamente, é descrita a situação em que o homem possesso vivia no v. 29 e também é inserida uma explicação acerca do sentido do pedido do demônio para que Jesus não o atormente. Ele sabe que Jesus é o Filho do Deus Altíssimo. Reconhecendo a identidade de Jesus, sabe que são incompatíveis e não podem ficar no mesmo lugar⁶⁴. Diante da descrição da possessão do homem, a tradição sinótica a vinculou de forma midráshica a Isaías 65,1-7⁶⁵.

¹Consenti em ser buscado por aqueles que não perguntavam por mim, consenti em ser encontrado por aqueles que não me procuravam. A uma nação que não invocava o meu nome eu disse: Eis-me aqui! Eis-me aqui! ²Todos os dias estendi as mãos a um povo rebelde, que andava por caminho que não era bom, correndo atrás de seus próprios pensamentos; ³a um povo que me provoca de frente sem cessar, sacrificando nos jardins, queimando incenso sobre lajes, ⁴que habitava nos sepulcros, passando a noite nos escaninhos, comendo carne de porco, pondo nos seus pratos postas impuras. ⁵Eles dizem: Fica-te aí onde estás, não me toques, porque eu te infundiria a minha santidade. Essas palavras são como fumaça no meu nariz, como fogo a arder o dia todo. ⁶Pois bem, tudo está gravado diante de mim: não me calarei, enquanto não lhes tiver pago tudo plenamente, enquanto não tiver pago no seu regaço. ⁷Sim, enquanto não tiver pago vossas iniquidades e as iniquidades de vossos pais, diz Iahweh; a eles que queimaram perfumes sobre os montes e me ultrajaram sobre as colinas deste modo os recompensarei, com medida plena, pelas suas obras antigas.

⁶² MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.125.

⁶³ FITZMYER, 1987, p.31.

⁶⁴ GRASSO, 1986, p.254.

⁶⁵ CRIMELLA, 2015, p.165.

A alusão ao texto de Isaías, recorda uma forma de vida impura⁶⁶, a habitação nas tumbas e o consumo da carne de porco. No v. 30, o narrador explica o motivo do nome do demônio ser “Legião”: eram muitos. Além disso, é apresentada, no v. 31, a súplica dos demônios que não querem retornar ao abismo.

No v. 32, o narrador destaca a presença de uma manada de porcos, na qual os demônios pedem permissão para entrar. A permissão, para entrar nos porcos, nada mais é do que uma permissão para os demônios voltarem ao seu lugar de origem, visto que os porcos são animais impuros e, por isso, devem servir de morada para os demônios⁶⁷.

Após a autorização de Jesus, no v. 33, o narrador descreve que os demônios, tendo entrado na manada dos porcos, precipitaram-se pelo desfiladeiro no lago e afogaram-se. Tudo indica que o fato de os porcos terem morrido na água faz com que o leitor possa supor que eles são deixados presos no abismo. Essa passagem serve como prova do êxito do exorcismo, dando ao leitor confiança e estímulo⁶⁸.

Enquanto que no v. 34 os cuidadores dos porcos anunciam na região o que havia acontecido, não fica claro para o leitor o que acontece com o homem após os demônios saírem dele. O narrador dá certa liberdade para que se imagine como foi esse momento utilizando, a opacidade, isto é, omitindo informações do leitor⁶⁹.

Somente no v. 35 é apresentado novamente o homem, já vestido, sentado aos pés de Jesus e em são juízo. Já no v. 37, o narrador esclarece o motivo de a população da região pedir para que Jesus vá embora e, por fim, no v. 38, apresenta a missão do homem que foi salvo por Jesus. O fio hermenêutico dado pelo narrador explicita que “a libertação é uma humanização completa: o homem curado torna-se discípulo de Jesus”⁷⁰.

Considerações finais

A perícopes evidencia que um homem endemoninhado, que habitava nos túmulos, veio ao encontro de Jesus assim que ele chegou em terra firme. Diante de tal relato,

⁶⁶ De acordo com as leis do judaísmo, os animais que não possuem o casco fendido e não ruminam são considerados impuros (Lv 11,2ss; Dt 14,4ss) e o contato com eles torna a pessoa impura, da mesma forma acontece com o contato com os mortos. Nesse contexto, entende-se que “estar em estado de pureza significa estar em condições de participar do culto e que a impureza exclui das atividades de culto” (MCKENZIE, 1984, p.689) algo de extrema importância para o judeu, visto que estar excluído do culto, naquela época, significava estar excluído da vida em sociedade.

⁶⁷ MAZZAROLO, 2004, p.132.

⁶⁸ BOVON, 1995, p.617.

⁶⁹ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.144.

⁷⁰ CNBB, 1997, p. 83.

acredita-se que o homem vivia isolado socialmente, visto que os túmulos eram construídos fora do espaço protegido da cidade. Além do mais, o relato inicial apresenta o resultado do isolamento demoníaco na vida do homem⁷¹. No entanto, suas primeiras palavras e sua atitude de vir ao encontro de Jesus demonstram que ele era um homem muito educado da cidade. Sendo assim, narrativamente é evidenciado que a possessão demoníaca não havia despojado o homem de toda sua humanidade, apesar de ele viver mais perto dos mortos do que dos vivos. Sua atitude demonstra um desejo teológico de salvação⁷².

Ademais, ao contrário dos discípulos, no episódio da tempestade acalmada, o endemoninhado sabe quem é Jesus, visto que está sobre controle de uma força demoníaca chamada Legião. Tal nome recorda o exército do Império Romano, um símbolo de violência, destruição e agressão⁷³. Sabe-se que o bloco narrativo da perícopes em estudo foi construído a partir de um mesmo fio temático: a manifestação progressiva do poder de Jesus. Entende-se, portanto, que o evangelista evidencia a soberania do poder de Deus, por meio da ação salvífica de Jesus, sobre o mal que, independente do nome que receber, será sempre uma força que domina, escraviza e desumaniza⁷⁴.

Entende-se, portanto, que a narrativa do endemoninhado geraseno é uma etapa particular de um grande cenário narrativo apresentado por Lucas. A universalidade da salvação, concedida por Jesus, em destaque na perícopes estudada, é um dos temas mais importantes na obra lucana. É evidente que Jesus não realiza apenas uma cura física, mas restabelece plenamente o homem de acordo com o desígnio salvífico de Deus⁷⁵. Diante disso, é ressaltado que a ação salvífica de Deus não tem limites, Jesus atravessa o lago de Genesaré, enfrenta perigos para chegar a uma terra estrangeira, liberta um pagão da opressão, é rejeitado pelos moradores da região e, mesmo assim, faz com que o homem exorcizado seja seu discípulo⁷⁶.

Vale destacar, ainda, que a finalidade da redação da perícopes do endemoninhado geraseno 8,26-39 é de ordem simbólica-religiosa, sendo assim, todas as questões acerca do exorcismo e da possessão demoníaca são aceitas no sentido narrativo⁷⁷. Por outro lado, historicamente, no judaísmo, doenças psíquicas eram consideradas como manifestações

⁷¹ BOCK, 1994, p.771.

⁷² BOVON, 1995, p.612.

⁷³ GRASSO, 1986, p.254.

⁷⁴ PIKAZA, 1985, p.66.

⁷⁵ CRIMELLA, 2015, p.167.

⁷⁶ FITZMYER, 1987.

⁷⁷ FITZMYER, 1987, p.25.

da possessão diabólica⁷⁸. Sendo assim, por meio da análise conduzida, é possível encontrar bases para desconstruir uma visão “mágica” desse exorcismo lucano, localizando o texto no plano literário e teológico de Lucas.

Referências

- BÍBLIA de Jerusalém. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- BOCK, D. L. *Luke*, Volume 1 (1:1–9:50). Grand Rapids, Baker Academic, 1994.
- BROWN, Raymond. E. *Introdução ao Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012
- CNBB. *Hoje a salvação entra nesta casa*. O evangelho de Lucas. São Paulo: Paulinas, 1997.
- CRIMELLA, M. *LUCA*. Introduzione, traduzione e commento. Milano: San Paolo, 2015.
- FITZMYER, J. A. *El evangelio segun Lucas*. III. Traducción y comentario. Capítulos 8,22 - 18,14. Madrid: Cristiandad, 1987.
- GABEL, J. B.; WHEELER, C. B. *A Bíblia como literatura*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- GRASSO, S. L. *Traduzione e commento*. Roma: Borla, 1986
- GREIMAS, A. J. *Sémantique structurale*. Paris, Larousse, 1966.
- KONINGS, J. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. 1.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- LANGNER, C. *Evangelio de Lucas Hechos de Los Apóstoles*. Navarra: Verbo Divino, 2008.
- MARCONCINI, B. *Os Evangelhos sinóticos: formação, redação, teologia*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- MARGUERAT, D. *O evangelho segundo Lucas*. In: MARGUERAT, D. *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 107-135.
- MARGUERAT, D; BOURQUIN, Y. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.
- MAZZAROLO, I. *Lucas: a antropologia da salvação*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2004.
- MCKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984.
- PIKAZA, J. *A teologia de Lucas*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

Recebido em: 10/5/2020
Aprovado em: 12/6/2020

⁷⁸ MCKENZIE, 1984, p.673.